

CONGREGADOS E FINADOS

Congregações missionárias e organismos de solidariedade na Europa ocidental

Franz Helm SVD

A agenda do Simpósio Missiológico pauta para o dia de hoje o tema “Europa - sem fronteiras e sem missão?” O tema faz referência à situação que os países desta região geográfica vivem: aparentemente desapareceram as fronteiras entre os países da Europa Ocidental, ao mesmo tempo que esta parte do mundo parece contentar-se consigo mesma. Depois das épocas de expansão, colonização e periferização do mundo, a partir da cosmovisão, da economia e das culturas européias (inclusive o grande esforço de cristianizar o mundo) há um „Velho Mundo“ preocupado sobremaneira consigo mesmo, fechando as suas fronteiras para migrantes de outras partes do mundo. Não só deixa de viver a sua centenar empolgação missionária; Mas também deixa de preocupar-se com o resto do mundo.

O movimento expansionista europeu estava marcado por muitas dimensões diferentes. Do ponto de vista religioso, foi de suma importância o Movimento Missionário Cristão, que se aliou às outras expansões, lhes servindo de justificativa e suporte ideológico.

Tiveram papel principal, ao lado da Igreja Católica, as Congregações Missionárias, as Associações Missionárias e mais tarde as Agências de Solidariedade. Nesta minha contribuição ao simpósio missiológico, focalizo as mudanças que afetam estas Instituições da Igreja Católica, perguntando: Estão ainda congregados em missão, ou já finados? Quais seriam as perspectivas que poderiam abrir novos horizontes para a missão? Desde já, peço desculpas por não me referir às Igrejas Evangélicas e suas instituições. Ademais, reconheço as limitações da minha abordagem, pois tenho como referência somente os países de língua alemã e entre eles principalmente a Áustria.

1. CONGREGAÇÕES, ASSOCIAÇÕES E AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS

Foi no século passado que surgiram as mais variadas Congregações Missionárias. Antes, a missão *ad gentes* era um aspecto entre outros que marcava a auto-compreensão e as atividades de congregações tão distintas como os Beneditinos, os Franciscanos ou os Jesuítas. Eles viveram o seu carisma num âmbito mundial, e com isto chegaram a exercer também o papel de missionários entre os assim chamados „povos pagãos“. Com as novas congregações missionárias foi diferente. O seu carisma mais próprio, a sua única razão de ser, foi a missão *ad gentes* ou a missão *ad extra*, entendida como salvação das almas e implantação da Igreja. Já que as potências européias dividiram entre si o mundo, nos seus respectivos impérios coloniais, era necessário fundar congregações ou associações missionárias nos respectivos países europeus para exercer a missão *ad gentes*. Assim Arnaldo Janssen, o Fundador da Congregação do Verbo Divino, escreveu em 1874:

“Não há, na Alemanha, ninguém que sente a vocação de dedicar-se à causa da missão? Como seria, se sacerdotes alemães se unissem para a fundação de um seminário missionário alemão? Bélgica, Irlanda, Itália, França - todos já possuem seus seminários missionários. (...) Somente a cidade de Paris possui cinco! Mas a Alemanha, este país grande com tantas famílias realmente cristãs, não possui - que eu saiba - até hoje nenhum! Penso que isto precisa mudar!”¹

A princípio, a nacionalidade dos missionários determinava muitas vezes o âmbito geográfico da atuação missionária. Os alemães trabalharam nas colônias alemãs e os franceses nas colônias francesas. Nos países europeus, tentou-se construir uma rede de apoio às atividades missionárias. Para isto servia o apostolado de oração, a publicação de revistas que informavam sobre as atividades dos missionários, e a fundação de associações missionárias. Surgiram também as procuradorias missionárias das congregações, que coletaram ajuda financeira para a formação de missionários e a fundação e o sustento de dioceses e paróquias „nas missões“. Para a formação dos missionários, criaram-se escolas, seminários menores e seminários maiores, com as suas faculdades de teologia.

O próprio conceito da missão era predominantemente geográfico. Por um lado a Europa cristã, pelo outro lado as terras de missão na África, Ásia e Oceania, América Latina e Caribe. Muitas vezes, andava junto com a missão *ad extra* a pastoral entre os emigrantes europeus na América Latina e a missão *ad intra*: ajuda aos católicos em situações de diáspora (principalmente nas regiões da Europa do Norte), oração e atividades para a reunificação das confissões cristãs, numa perspectiva que queria acolher os irmãos separados no seio da Igreja Católica.

O entusiasmo que animava os missionários é de se admirar. Quem ia trabalhar em terras distantes, estava disposto a sair definitivamente do seu país, sem voltar nunca mais. A despedida da própria cultura, família e igreja local foi definitiva. Além disto, havia regiões como a África Central onde a maior parte dos missionários morreram três ou quatro anos depois da chegada, devido às doenças que muitos contraíram no seu árduo trabalho. O desejo de salvar as almas e de fazer crescer o Reino de Deus - identificado diretamente com a extensão da Igreja Católica - levavam estes missionários a doarem-se completamente.

Fora algumas exceções, não havia ainda uma visão integral da pessoa humana e da evangelização. Os profissionais que acompanharam este movimento missionário como Irmãos das congregações religiosas trabalharam principalmente para garantir a infraestrutura logística para o trabalho religioso. A presença e o trabalho destes profissionais levava à formação profissional de pessoas indígenas. Somente em meados do século 20 nota-se uma nova visão: A Igreja sente-se chamada a trabalhar também para o progresso dos povos, ajudando-os em seu desenvolvimento social e econômico.² A isto corresponde o surgimento de Campanhas de Quaresma nas igrejas européias, com o fim de coletar dinheiro

¹ Cf. BORNEMANN, Fritz. *Arnold Janssen, der Gründer des Steyler Missionswerkes, 1837-1909. Ein Lebensbild nach zeitgenössischen Quellen.* Steyl 1969, p. 46s.

² Depois do êxito do Plano Marshall para o desenvolvimento da Alemanha destruída depois da Segunda Guerra Mundial, pensava-se que esta experiência podia-se multiplicar nos países do chamado „Terceiro Mundo“. Dentro da Igreja, este pensamento encontrou muito apoio e expressão concreta em projetos de desenvolvimento.

para ajudar no combate à fome e à miséria e em projetos de desenvolvimento.³ Ocorreu também que movimentos católicos começaram a se preocupar com a questão do desenvolvimento do assim chamado „Terceiro Mundo“ e criaram as suas campanhas para coletar dinheiro, bem como as suas agências de apoio a projetos de desenvolvimento econômico e social.⁴

As mais variadas associações missionárias que se haviam formado no século 19, foram unificadas em 1922 pela *Propaganda Fidei* em Roma - na ocasião da celebração dos seus 300 anos de existência - nas Obras Pontifícias Missionárias. A seguir, surge o Domingo Mundial das Missões, promovido pelo *Opus Propaganda Fidei*, bem como o *Opus Sancti Petri Apostoli*, dedicado ao apoio financeiro para a formação do clero nativo, a Infância Missionária e a Aliança Missionária dos Sacerdotes. Ao lado destes instrumentos de animação missionária e de apoio às missões, existiam as campanhas das congregações religiosas para o sustento do trabalho de dos seus missionários e missionárias.

Para a evangelização nos países de língua alemã usava-se (e se usa até hoje) o conceito „ação pastoral“. Quando esta ação se destinava mais à ajuda para pessoas necessitadas, ao ensino ou à formação, era chamada „ação social“ ou „ação educacional“. Nada disto foi identificado com a palavra „missão“. Como também as grandes transformações nas sociedades europeias. A democratização, a defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana e a emancipação da classe operária e da mulher, eram movimentos à margem ou muitas vezes até contra as posturas da Igreja Católica e de sua missão.

2. TRANSFORMAÇÕES

Nas últimas décadas aconteceram mudanças profundas nas sociedades do mundo europeu. As sociedades se tornaram mais democráticas, mais pluralistas e - em muitas partes - pluri-religiosas. Hoje, as famílias tem muito menos filhos. Cresce o número das pessoas que não se casam nunca, e não querem ter filho. A população agrícola com sua forma estável de vida diminuiu ao ponto de hoje alcançar nem 10 % da população, com tendências de diminuir mais ainda. Há uma aceleração permanente do ritmo de vida, e a necessidade de readaptar-se a cada momento às mais novas modas, mercados e tecnologias.

A tolerância frente a outras religiões, estilos de vida e cosmovisões aumentou e substituiu as antigas visões monoculturais. Na sociedade ocidental, marcadamente burguesa, a vida privada é considerada inviolável, a não ser que ela ameacasse os direitos fundamentais de outras pessoas ou a segurança pública.

A boa formação intelectual das pessoas levou a um senso crítico frente a dogmas, verdades preestabelecidas e autoritariamente pronunciadas. Ocorreu a crise das instituições tais como: partidos, sindicatos e igrejas, e das autoridades que representam estas instituições. A sociedade aderiu a um relativismo, a uma religiosidade subjetiva e pouco institucionalizada e a uma diversificação maior dos modelos e âmbitos de vida. Nisto, contribuiu a grande mobilidade das pessoas, o acesso ao mesmo tempo global e específico à

³ Misereor, a ação quaresmal na Alemanha, foi fundada em 1958.

⁴ Surge por exemplo a Ação Três Reis Magos, promovida pela juventude católica na Alemanha e na Áustria.

informação devido à informatização e à nova mídia. Os espaços políticos e econômicos se unificaram obedecendo ao ditado da economia sempre mais globalizada, dando corpo à Comunidade Européia.

O colonialismo histórico da Europa frente aos países de outros continentes passou a ser avaliado como injustiça e culpa histórica. No lugar do Movimento Missionário que visava a conversão dos outros ao cristianismo, entrou a ajuda humanitária ou tecnológica, levada a cabo por agências dos mais diversos tipos, e por voluntários profissionais. Da caridade cristã como força que sustenta a solidariedade, passou-se ao humanismo. Mas hoje o apoio ao movimento solidário está diminuindo sucessivamente. A mentalidade materialista e de consumo que a sociedade de consumo difunde, ataca na sua raiz a solidariedade. Apesar de terem um padrão de vida muito alto, muitos vivem na insatisfação e procuram experiências sempre mais intensas ou exóticas. Em 1995, a revista semanal alemã *Focus* escreveu: „A bola de ouro da solidariedade já caiu no poço!“⁵ O medo de o próprio padrão de vida cair fecha as mãos e endurece os corações. Além disto, poucos sabem por experiência própria o que significa sofrer de fome ou viver na miséria. Há uma disposição admirável de ajudar aos „vizinhos que sofrem“⁶, tocado pelo sofrimento destas pessoas vítimas de guerras. Mas há também os que dão dinheiro por motivos egoístas: querem apaziguar a consciência ou desejam que os refugiados sejam atendidos lá e não venham cruzar as fronteiras austríacas.

Também na Igreja Católica muita coisa mudou. No Concílio Vaticano II, a Igreja autodefiniu-se como „Povo de Deus“. Todo este povo e cada cristão pessoalmente é missionário. A igreja universal subsiste em igrejas particulares. Estes - e não mais especialistas como os missionários *ad gentes* ou *ad extra* são os sujeitos da missão e determinam com os seus respectivos planos pastorais os objetivos, as metas e a metodologia da missão. Isto leva ao surgimento de teologias contextuais nas igrejas locais. Chega-se à distinção entre o Reino de Deus e a Igreja, a reconhecer a liberdade religiosa e os valores das outras religiões, o que abre caminho para o diálogo interreligioso. Em vez de combater a modernidade, projeta-se a aliança com todas as pessoas de boa vontade para o desenvolvimento integral das pessoas e dos países. Dentro de todo este contexto de mudanças, a hierarquia redefine o seu papel para dentro e fora da Igreja como ministério-serviço.

Trinta anos depois do Concílio, a Igreja Católica na Europa está em situação de plena crise. As mudanças em sociedade e igreja provocam muitas inseguranças. Está de volta em alguns setores da igreja o sonho da cristandade perdida. Há uma crescente resistência contra transformações que as mudanças na sociedade requerem da Igreja. O *Kirchenvolksbegehren* (Iniciativa Moção Popular Eclesial) coletou um meio milhão de assinaturas somente na Áustria, e dois milhões de assinaturas na Alemanha, reivindicando mecanismos mais democráticos na escolha dos bispos, passos no reconhecimento da igualdade de direitos da mulher como a ordenação diaconal, uma visão positiva da sexualidade e o fim do celibato obrigatório. Este movimento está sendo dirigido por teólogos e teólogas leigos e profissionais bem formados e qualificados que, por sua inserção na

⁵ Magazin FOCUS do dia 3 de julho de 1995, p. 60.

⁶ Assim o título da campanha da TV estatal austríaca, em colaboração com entidades como Caritas, Cruz Vermelha, Diaconia, etc., para coletar fundos de ajuda aos refugiados bósnios ou kosovares. No início da guerra entre a Jugoslavia e a OTAN, esta campanha arrecadou dentro de dez dias quase 30 milhões de dólares dos 8 milhões de austríacos.

sociedade, se sentem interpelados de viverem a sua fé nos moldes desta realidade. Da parte da igreja oficial, há por um lado um modesto apoio a estas posições, pelo outro lado a proibição do debate com o argumento de que estas são questões reservadas à decisão do Magistério Romano. Há outros que demonizam o movimento e juram a obediência à Tradição e ao papa. Neste conflito, nota-se uma polarização crescente e muita frustração da parte dos que querem as mudanças. Fala-se de um cisma real já existente na Igreja Católica. Neste momento de crise, a igreja está muito voltada para a discussão de questões internas e deixa de preocupar-se com uma evangelização inculturada no contexto europeu.

Em tempos passados, congregações religiosas e movimentos espirituais surgiram em momentos de crise para com o seu carisma promover a renovação da Igreja e a sua reorientação para a evangelização. Há movimentos novos. Mas na sua maioria, são restaurativos como o *neo-catecumenato* e o *opus dei*.

3. TEMPO DE CRISE - TEMPO DE MORTE E DE PARTO

Por causa de seu horizonte mundial e seu carisma missionário, poderia se esperar uma contribuição significativa das associações e congregações missionárias e das agências de solidariedade. Mas também elas estão em crise e voltadas para problemas internos.

3.1. A crise das congregações missionárias

As Congregações Missionárias na Europa estiveram tradicionalmente voltadas para a missão em outros continentes. Hoje, afirmam que o conceito de missão mudou e até declaram nos documentos que resumem os Capítulos Gerais e Provinciais que a Europa é „Terra de Missão“ e deve - como os outros continentes - receber missionários.⁷ Mas o conceito velho da missão está tão internalizado e as comunidades na Europa estão com uma idade média tão elevada que as mudanças custam a acontecer. Ainda mais porque as obras e instituições existentes exercem um poder grande no sentido de perpetuarem-se.

A seguir, quero exemplificar a problemática descrevendo concretamente em que situação se encontra a província austríaca da Congregação do Verbo Divino.⁸ É nesta província onde eu atualmente trabalho como formador de uma pequena comunidade internacional de estudantes de teologia, e como professor de missiologia na Faculdade de Teologia da congregação.

Quando eu entrei na Congregação em 1979, eu fiz o noviciado no seminário de São Gabriel, vinte quilômetros ao Sul de Viena. Esta casa foi fundada em 1889, com o fim de

⁷ Dois exemplos: A Congregação do Imaculado Coração de Maria tomou a decisão que todas as províncias deviam estar dispostas a acolher missionários no seu Capítulo Geral em 1981. Comenta o congolês Cipriano Mbuka, conselheiro geral desta congregação: „Esta afirmación era profética, no solamente animaba a la misión Sur-Sur sino que abría el camino a *un nuevo paradigma misionero*, el del movimiento Sur-Norte.“ MBUKA, Cipriano. Del Norte-Sur al Sur-Norte. *Spiritus. Edición hispanoamericana* 38/4, N. 149 (1997)24. A Congregação do Verbo Divino decidiu no „Consenso de Roscommon“ em 1990 de convidar para a Europa missionários do Hemisfério Sul.

⁸ Para o desenvolvimento do conceito de missão nas Constituições da Congregação do Verbo Divino, cf.: Steyler Missionare als Zeugen des Wandels. In: *Werkmappe Weltkirche* N. 105 (1997) 16-17.

formar missionários „ad gentes“. Nos seus 110 anos de história, mais de 2.500 missionários se formaram nesta casa e partiram para a missão *ad gentes*. Ali viveram até 600 pessoas. Quando eu entrei na congregação, moravam 150 confrades no seminário. Hoje são menos de 75. Nos últimos vinte anos, morreram em torno de 100 moradores em São Gabriel.

Em 1979, um grupo de uns 20 seminaristas estudaram na Faculdade de Teologia São Gabriel. Todos eles eram austríacos, alemães ou suíços. Em 1983, vieram os primeiros estudantes poloneses. Hoje, nenhum dos seminaristas verbitas que atualmente aí estudam tem como sua língua materna o alemão. Eles vem da Indonésia, das Filipinas, do México, do Brasil, da Polônia, da República Checa, da Eslováquia e da Croácia.

A Faculdade de Teologia está bem estabelecida, juridicamente reconhecida tanto pelo estado austríaco quanto pela Igreja, possui uma infra-estrutura completa e elaborou um currículo de terceiro grau orientado para a Teologia das Religiões e a Missiologia. Além disto, existe um Instituto de Teologia das Religiões internacionalmente reconhecido em virtude das conferências de diálogo entre Muçulmanos e Cristãos sobre paz e justiça que promoveu nos últimos anos, cursos de alto nível sobre Hinduismo e Budismo para pessoas de formação e atuação acadêmica, e pelas publicações nesta área. Apesar disto, há poucos estudantes que aí estudam, a maioria dos professores é de idade avançada, e há questionamentos sobre a viabilidade e o sentido de uma faculdade tão pequena.

Vinte anos atrás, Irmãos religiosos trabalharam ainda na gráfica e em muitas oficinas, para com o trabalho de suas mãos, dar sustento à Obra Missionária e - em alguns poucos casos - formar profissionais para um trabalho „nas missões“. Hoje, a gráfica e algumas oficinas estão fechadas. Funcionários garantem com o seu trabalho assalariado a conservação da infra-estrutura do seminário.

As revistas e agendas missionárias da Congregação tais como „*Stadt Gottes*“, „*Weite Welt*“ e „*Michaelskalender*“ perdem sucessivamente assinantes, e o sistema de distribuição sustentado por Irmãos religiosos que mantêm contatos perpétuos com 7000 voluntários ou com as paróquias está ameaçado de falir porque não há mais Irmãos religiosos para este trabalho. Com isto, está em perigo também o sustento financeira da província. A perda de assinantes não se deve somente à nova mídia. Há um mercado para revistas em geral, mas a aceitação de „revistas missionárias“ diminuiu com a população eclesialmente socializada e identificada com „a missão“.

Pelo seu estatuto, as Procuradorias das Missões deveriam preocupar-se com os missionários que trabalham em „terras de missão“, com a animação missionária e a promoção vocacional e com a arrecadação de fundos. Este último é sem dúvida a prioridade. Mesmo diminuindo as contribuições financeiras (porque o número das pessoas que apoiam diminui) se levanta ainda uma soma significativa para o sustento das províncias e dos projetos no hemisfério sul. Com o surgimento de áreas e projetos de missão na própria Europa, há questionamentos se o dinheiro arrecadado pela procuradoria das missões não poderia ser usado também para financiar estes projetos novos. Há resistências contra isto, com o argumento de que não é justo desviar dinheiro doado para o apoio à missão „ad

extra“ com suas situações de extrema pobreza para apoiar projetos em contextos relativamente ricos na „Velha Europa“. ⁹

Pouco a pouco, procurou-se apresentar nas Revistas um novo perfil da Congregação, com reportagens sobre a missão no Leste Europeu ou em „situações de fronteira“ na própria Europa Ocidental. Abriram-se ou apoiaram-se novas missões na Ex-Iugoslávia, na Romênia e na Moldávia. Buscou-se uma presença maior na igreja local, assumindo ou reorientando paróquias com um perfil „missionário“, ou fundando comunidades pequenas que trabalham nas pastorais específicas. É um processo conflitivo. A falta de pessoal para sustentar as obras e instituições tradicionais leva a uma sobrecarga de trabalho para todos e a uma dispersão das forças. Nota-se que muitos dos trabalhos tradicionais não podem facilmente ser assumidos por missionários que vem de outros continentes - porque estes não querem, ou porque os europeus não os julgam capazes de fazer estes trabalhos, ou porque há restrições que o próprio estado coloca. Contudo, os que vem de fora precisam de uma boa introdução no seu campo missionário.

Em todas estas buscas do novo, sente-se que a Congregação não está enraizada na igreja local. Pela sua orientação „ad extra“ falta o interesse pelo e o conhecimento do contexto cultural e eclesial envolvente. Como, nos dias de hoje, ajudar aos novos missionários vindos de fora a inculturar-se na „Terra de Missão“ que é a Áustria? Aos estudantes de teologia que vem de fora, faltam colegas austríacos para se ter um referencial cultural para a adaptação ao novo contexto. Existe o perigo de se viver em comunidades de formação multiculturais desenraizadas, o que põe seriamente em perigo o processo de formação missionária.

3.2. A situação das agências de solidariedade

Também as Associações e as Agências que as igrejas europeias criaram para apoiar as „missões“ e os projetos de desenvolvimento, estão em dificuldades.

Por um lado, há Agências que tradicionalmente funcionam como associações de membros que se comprometeram de rezar pelas missões, contribuir com uma mensalidade e promover o espírito missionário. Um exemplo nesta área é a Missio, as Obras Pontifícias Missionárias.¹⁰ Na Áustria, a Missio contava 25 anos atrás com 220.000 membros, que receberam a revista bimestral „alle welt“ e contribuíram genericamente com „a missão“, sem pedir muita prestação de contas. Bastava saber que a Igreja se encarregava de difundir a Boa Nova e promover a justiça e a paz em terras longínquas. Além disto, duas coletas anuais nas celebrações dominicais garantiram os fundos. Quase a totalidade destes fundos arrecadados foram distribuídos às igrejas locais no hemisfério sul via coordenação das Obras Pontifícias em Roma.

⁹ A problemática das procuradorias de missão está bem parecida à das agências de solidariedade, descrita mais abaixo.

¹⁰ Schalück, o atual presidente de Missio Aachen, considera Missio um „movimento eclesial de base constituído por membros leigos“, e acrescenta: „Apesar de todas as dificuldades, queremos cultivar este aspecto de nossa identidade.“ Schalück, Hermann. Grabt Brunnen, bevor der Durst kommt. Plädoyer für eine „nachhaltige“ missionarische Spiritualität. In: *Ordenskorrespondenz* 40/1 (1999) 22.

Hoje em dia, este sistema de arrecadação e distribuição está sendo pressionado por três frentes. Uma destas frentes é a perda de membros. Nos últimos anos, a Missio na Áustria perdeu anualmente pelo menos 5.000 membros, muitos deles porque morreram, outros porque o grau de identificação com a instituição Igreja diminuiu. Para isto, contribui tanto a crise conjuntural das instituições quanto a crise própria da Igreja Católica devido a escândalos e conflitos internos. Ao mesmo tempo que diminuiu o número dos membros, diminuiu também o número dos participantes em cultos dominicais. Ambos os fatores levam a um número sempre mais reduzido de contribuintes nas campanhas tradicionais de arrecadação de fundos. Assim surge a necessidade de buscar novas formas de arrecadação de fundos, como „direct mails“ e outras. Nisto, abre-se a segunda frente: Precisa-se competir no „mercado“ com outras organizações que pedem doações.¹¹ O número de organizações aumentou muito nos últimos anos, em áreas novas como a proteção dos animais e do meio ambiente, e principalmente a ajuda às crianças, pessoas com deficiências e em casos de catástrofes naturais e humanas. Estas organizações possuem outros meios para vincular os seus temas, como por exemplo o apoio maciço da mídia eletrônica. Às vezes, tem poucos escrúpulos de empregar uma boa (ou até a maior) parte do dinheiro arrecadado para fins publicitários.

As leis do mercado começam a ditar as regras: eficiência, competitividade, novidade, confiabilidade, „sponsoring“, etc.¹² Exige-se um investimento sempre maior, ofertas sempre mais específicas, uma prestação de contas mais elaborada, etc. Cresce assim o trabalho administrativo, ao mesmo tempo que tende a diminuir a arrecadação. Devido à situação no mercado, chega-se a apresentar sempre mais projetos de promoção social ou dos direitos humanos, e menos projetos propriamente pastorais, porque estes não encontram muita aceitação no mercado.

Com a polarização da igreja austríaca e o espírito crítico frente à administração central da Igreja Católica em Roma, a distribuição dos fundos via Roma encontra menos aceitação. As pessoas que fazem doações querem saber exatamente aonde vai o seu dinheiro, quais os projetos apoiados, etc. Abre-se aqui a terceira frente: paróquias e grupos de solidariedade não querem contribuir com um fundo anônimo. Querem apoiar projetos concretos para entrar em contato, viver uma parceria e um aprendizado mútuo. Isto contradiz um princípio fundamental de Missio: a distribuição eqüitativa de fundos.

Há uma segunda espécie de Agências, que não possui membros. Muitas vezes nascidas de campanhas quaresmais ou de certas datas litúrgicas para se promover a solidariedade. Há a famosa *Adveniat* na Alemanha, financiadora de tantos projetos pastorais na América Latina. Esta Agência arrecada os fundos numa campanha de Natal. As dificuldades para *Adveniat* são na essência, as mesmas que acima citei. Há de se esperar que as contribuições vão diminuir continuamente com a des-eclesialização („*Entkirchlichung*“) na Europa Ocidental.

Finalmente, há organizações como a „Ação Três Reis Magos“ que continuam a crescer devido ao seu caráter específico. Eles se aproveitaram de um costume folclórico (o reisado na época do natal) para fazer a sua campanha. Na maioria são crianças do movimento infantil católico que - coordenadas pela paróquia e pelo movimento - passam de

¹¹ Cf. Müller, Oliver. Strategie statt Sammelbüchse. Trends und Tendenzen auf dem deutschen Spendenmarkt. In: *Herder Korrespondenz* 53 (1999) 120-125.

¹² Müller vê as agências de solidariedade ameaçados pela „armadilha da profissionalização“. Ibidem, p. 124.

casa em casa, cantam do nascimento de Jesus e coletam fundos. A participação das crianças, o caráter folclórico e o trabalho em cima de questões como a defesa dos povos indígenas e o apoio aos sem terra contribuem para o crescimento.

Os problemas conjunturais das agências européias de solidariedade não devem preocupar somente as igrejas locais na Europa. Num impulso anticolonizador e anti-imperialista poderia-se dizer que a diminuição dos recursos vindos de fora só pode repercutir na formação de igrejas mais autóctones. Como exemplo poderíamos citar a formação sacerdotal. Na sua forma atual ela somente é possível porque é co-financiada pelas Agências. Mas é bom lembrar também que o Simpósio do qual participamos recebe financiamento destas Agências. Sem isto, não seria possível na forma que o celebramos. Bolsas de estudo na Missiologia vem destas Agências. Também a CNBB, símbolo de uma igreja local com caminhada muito própria, funciona desta forma porque recebe fundos destas agências. E tantos projetos nas pastorais de fronteira como a CPT, o CIMI, e até grupos e povos indígenas autóctones na sua luta pela preservação de suas culturas e de seus direitos fundamentais, dependem dos fundos que vem destas agências.

4. Uma razão para viver

Somente vive e sobrevive quem tem uma razão para viver. Isto vale tanto para a Igreja quanto para as Congregações Missionárias e Organismos de Solidariedade na Europa. Reencontrando a sua missão é que se encontra futuro e vida nova. O perigo para as Congregações e Associações Missionárias e Agências é preocupar-se demasiado consigo mesmas, prender as forças que ainda sobraram nas obras e instituições herdadas e não dedicar pensamento criativo e recursos para o novo. Tal como Michael Amaladoss escreve, é preciso sublinhar que „a missão determina a identidade“.¹³ Reassumir a sua missão no mundo globalizado a partir do contexto da Europa Ocidental: isto constitui o único caminho viável para construir o futuro das Congregações Missionárias e dos Organismos de Solidariedade. Faz-se necessário por tanto aceitar o mundo globalizado como desafio e interlocutor que oferece perspectivas de ação e chances para uma recriação da missão.¹⁴

4.1. Campos de atuação e alianças

Na economia globalizada, os transnacionais investem em localidades onde esperam o custo de produção mais baixo, os benefícios fiscais mais generosos, o mercado mais próspero e enfim, o lucro mais elevado. Buscam a máxima eficiência no uso dos recursos disponíveis e a aliança com outras empresas para minimizar os custos.

Quais os campos de atuação que as Congregações Missionárias devem buscar para fazer os seus investimentos? Na dinâmica do Reino, o maior lucro vem da *kenosis*, do despojamento total. Onde há pobreza material e espiritual (falta do sentido da vida), aí as Congregações devem investir. Não que buscar-se alianças com outros „de boa vontade“ que

¹³ Amaladoss, Michael. Vida consagrada y misión. Reflexiones teológicas. In: *Spiritus. Edición hispanoamericana* 38/4, N. 149 (1997) 48.

¹⁴ Cf. Schouver, Pierre. Los institutos misioneros. Su papel hoy. In: *Spiritus. Edición hispanoamericana* 38/4, N. 149 (1997) 55-65.

estão participando da mesma dinâmica. Aonde ninguém quer ir e testemunhar a presença do Deus da Vida, aí é que deveriam estar as Congregações Missionárias e os seus aliados.

Há uma presença nos campos de refugiados na Albânia? Junto aos jovens que estão na droga? Junto aos desempregados, aos migrantes ilegais, etc.? Busca-se o diálogo intercultural e interreligioso com os muçulmanos, que muitas vezes vivem na isolamento e incomunicação com a sociedade ocidental? Há uma presença no mundo do esoterismo, aonde se canalizou a busca espiritual de uma boa parte da população? Onde há grupos de estudo e atuação intercongregacionais, ecumênicos e interreligiosos frente a todos estes problemas?

4.2. Globalizar a solidariedade

Frente à globalização da marginalização dos pobres e dos outros, desta „massa sobrando“ de perdedores (*looser*) no mundo dos vitoriosos (*winner*), as Congregações Missionárias na Europa ocidental precisam trabalhar para a globalização da solidariedade. Em sociedades que sempre mais marginalizam e excluem quem é estrangeiro e pobre, comunidades de religiosos onde convivem pessoas de diferentes continentes ao pé de igualdade, podem ser sinais proféticos e um exemplo vivo da Igreja universal. Nestas comunidades poderia-se ver que a convivência fraterna de homens e mulheres de diferentes povos, línguas e culturas é possível.

A presença no mundo ocidental que pelo seu poder econômico causa tanto a morte dos pobres quanto a aniquilação dos outros no mundo, precisa ser uma presença profética, disposta a denunciar as práticas injustas e assassinas levadas a cabo camufladamente pelas empresas e pelos governos destes países, com suas políticas neoliberais globalizadas. As denúncias podem resultar em uma perda de status social e apoios econômicos, em conflitos e perseguição. Porém, a construção do Reino de Deus como promessa preferencial para os pobres e como utopia absoluta frente aos reinos humanos, compromete os apóstolos do Reino inevitavelmente com uma luta antisistêmica radical.

Os contatos mundiais possibilitam às congregações religiosas e também às Agências de solidariedade, criar uma rede alternativa de informação e intercâmbio, que vincula notícias alternativas às dos grandes canais de comunicação. Assim pode haver uma luta articulada pelos direitos e pela dignidade das pessoas, por justiça e paz, pela liberdade religiosa e pela conservação do meio ambiente. Iniciativas positivas poderiam ser difundidas, apoiadas e multiplicadas. As procuradorias das missões e as agências poderiam se transformar em centros de informação sobre experiências concretas de transformações que em muitas partes do mundo acontecem nas bases.

4.3. Inserção e inculturação

As Congregações Missionárias precisam inserir-se de uma maneira nova na sociedade e na igreja local. Hoje não basta mais buscar somente apoios para projetos missionários fora da Europa. É preciso reconhecer e vivenciar que a missão está no aqui e agora. Confrontados com igrejas locais pouco conscientes de seu papel como primeiros protagonistas da missão, faz-se necessário apelar constantemente à consciência destas igrejas para que assumam a sua vocação primordial e despertem para situações missionárias. Não se trata de ajudar às igrejas locais assumindo como especialistas a dimensão missionária e com isto tirar delas a

responsabilidade. Pelo contrário, as Congregações Missionárias e as Agências de solidariedade precisam confrontar perpetuamente as igrejas locais com situações de missão, e antes de tudo, com a necessidade de uma evangelização inculturada na sociedade ocidental em transformação. Para isto, faz-se necessário buscar a própria inserção, saindo das grandes casas, instituições e obras e convivendo com a realidade do povo destas sociedades em pequenas comunidades de vida e missão. Os neo-missionários com a sua necessidade de inculturar-se poderiam contribuir substancialmente neste processo com as suas perguntas e as suas observações. Na medida em que eles se comprometem com o seu campo missionário, também as congregações podem crescer na inserção, no diálogo e no compromisso com os pobres e os outros na sociedade ocidental e a nível mundial.

4.4. Uma missão específica na igreja local

A crise da igreja local na Áustria e em outras partes do mundo ocidental manifesta-se também na falta de vocações religiosas e sacerdotais. Há tentativas de suprimir esta falta de pessoal com um clero e religiosos vindos de fora. Quando as comunidades paroquiais falam em „Europa - Terra de Missão“, pensam primeiramente que um clero proveniente do hemisfério sul deve assumir o trabalho paroquial. As Congregações Missionárias se vêem pressionadas não somente da parte das comunidades, mas também da parte dos responsáveis pela pastoral nas dioceses de assumirem estas ofertas. Já que os neomissionários precisam de campos de trabalho para conhecer e inserir-se gradualmente na realidade pastoral, estes convites exercem uma certa atração. Na minha opinião, a inserção na igreja local não deve ser buscada por esta via, porque comprometeria as congregações estruturalmente com o „status quo“ da pastoral e dificultaria a sua missão específica: Abrir as igrejas locais para experiências e modelos pastorais novos pela insistência na evangelização inculturada e pelo confronto com experiências eclesiais de igrejas locais fora da Europa. Os neomissionários podem fazer a sua experiência pastoral também em paróquias de diocesanos ou de outras congregações.

4.5. Riquezas a oferecer

Qual a contribuição específica a oferecer? Por um lado, trata-se de viver de maneira exemplar a evangelização inculturada como inserção na realidade do povo, acolhendo os seus valores, compartilhando as suas alegrias e tristezas e participando como parceiros nas suas lutas na promoção da vida. Os movimentos em defesa dos direitos humanos, pela reconciliação em situações de conflito, bem como de preservação do meio ambiente oferecem muito campo de trabalho. Pelo outro lado, as Congregações Missionárias e as Agências de solidariedade tem a vocação profética de oferecer em tempos de seca eclesial „contos de esperança“ e „cantigas de contramão“. Isto lhes é possível por causa de seus contatos mundiais. Há de se reconhecer que as agências já estão trabalhando nesta linha há anos, com seus departamentos de formação, seus subsídios para as campanhas missionárias

e de solidariedade e suas revistas.¹⁵ Do lado das Congregações, falta entrar mais nesta linha de trabalho. A seguir, eu cito alguns campos de atuação:

Em tempos de falta de perspectivas na pastoral, no meio de tantas queixas sobre a falta de padres poderia se indicar outros modelos de igreja. A visão pastoral concentrada nos sacramentos administrados pelo padre poderia ser confrontada com uma visão pastoral comunitária, participativa e ministerial.

Em meio de uma sociedade que num ritmo sempre mais veloz, com um barulho sempre mais alto e numa concorrência sempre mais disputada busca o lucro, poderiam se oferecer espaços de silêncio e de retiro, a experiência da gratuidade e da proximidade do Deus da Vida dos pequenos e cansados. Penso que esta contribuição poderia vir muito mais de missionários da Índia do que dos monges do ocidente, já que na sociedade ocidental há uma busca do novo e da espiritualidade oriental.

A isto, poderia-se unir um outro impulso importante, que vem da Igreja Latino-Americana: Uma metodologia de leitura bíblica, que liga fé e vida, partindo da realidade e buscando luzes na palavra de Deus para a vivência da fé nesta realidade concreta. Assim poderia-se chegar a beber finalmente também na Igreja Católica da Europa do poço da palavra de Deus. É uma dimensão essencial para a renovação da Igreja.

Um outro impulso poderia se dar na área litúrgica. As igrejas do hemisfério sul desenvolveram em muitas partes liturgias encarnadas, onde a predominância do dirigente, da palavra e do silêncio foi superada pela simbologia, pela dança e pelo ritmo e pela participação do povo nas reflexões. Uma celebração da fé renovada nesta perspectiva poderia rejuvenescer a Velha Igreja Européia.

A Igreja na Europa Ocidental - principalmente em países maioritariamente católicos como a Áustria - precisa aprender a conviver com outras religiões e com uma sociedade pluralista. Para este aprendizado difícil, poderiam ajudar, e muito, as experiências de igrejas em situações de minoria ou de contextos plurireligiosos. Vivenciando o diálogo interreligioso, poderia-se contribuir para construir pontes entre a população imigrante e a população local, já que a dimensão religiosa muitas vezes constitui uma dimensão essencial nestes povos. Congregações como a do Verbo Divino precisam ligar a sua reflexão científica neste campo com experiências concretas de diálogo no dia-a-dia pastoral.

Finalmente, as Congregações Religiosas e as Agências podem possibilitar em tempos de maior mobilidade o contato concreto com contextos culturais e eclesiais diferentes. Confrontando-se com a vida real dos pobres no hemisfério sul, com a sua busca de sobrevivência muitas vezes respaldada pela sua rica tradição cultural, e com uma igreja que vive sua missão em contextos difíceis, as pessoas despertam para a solidariedade e para a sua missão.¹⁶

¹⁵ Cf. a respeito da aprendizagem e da dimensão profética, possibilitada pelos contatos mundiais das agências e das congregações religiosas: Weber, Franz. *Geschenkte Katholizität. Impulse für eine weltkirchliche Spiritualität der Mit-teilung*. In: . In: *Ordenskorrespondenz* 40/1 (1999) 16-18; Piepel, Klaus. *Lerngemeinschaft Weltkirche. Lernprozesse in Partnerschaft zwischen Christen der Ersten und der Dritten Welt*. Aachen 1993.

¹⁶ Cresceu ultimamente o movimento de „missionários temporários“, um voluntariado Norte-Sul, e há também estágios e programas de formação interculturais, com resultados muito positivos para os participantes e as comunidades e os grupos que enviam as pessoas para estes programas.

4.6. Refundação

Seguramente, apesar de todas as perspectivas para a missão apresentadas aqui, não se pode esperar um tempo glorioso para as Congregações Missionárias, as Agências de solidariedade e a Igreja na Europa. Passou o tempo das instituições poderosas, dos nomes importantes, das muitas vocações e dos muitos membros, porque o tempo da cristandade e com ele, o poder da igreja, passou. Vive-se numa situação de exílio, em terra estranha. Há de se assumir o pequeno número. Com isto, abre-se a possibilidade de organizar-se em comunidades pequenas, mais perto do povo, de uma convivência fraterna e um trabalho em equipes internacionais. A internacionalidade seguramente pode trazer conflitos e dificuldades, mas ao mesmo tempo grandes enriquecimentos e um crescimento na sensibilidade pela alteridade na própria sociedade envolvente. Há o desafio de uma vida em comunhão que respeite as opções pessoais dos membros, que busque o trabalho em conjunto, uma missão partilhada e cultivada na reflexão e na oração.

O número reduzido e os novos desafios da missão exigem uma avaliação séria dos campos de trabalho, uma definição de prioridades e de programas de ação, na disponibilidade de deixar ou entregar para outros tarefas até então cumpridas. Sem um processo de avaliação perpétuo não haverá avanços. Além disto, deve-se evitar o perigo de sobrecarga de trabalhos para os poucos membros que restam, e buscar espaços para a criatividade.¹⁷ No lugar de autosuficiência e independência, faz-se necessário buscar alianças e redes de apoio mútuo junto com outros grupos dentro e fora da Igreja.

Este caminho de refundação precisa de novas vocações que aceitam que ainda não se sabe aonde vai levar este caminho.¹⁸ Somente se sabe que o Cristo está onde estão os mais pobres, e que a capacidade de abraçar Deus na sua alteridade absoluta cresce na proximidade com os outros.

¹⁷ Cf. Uríbarri, Gabino. Die Gefahren der Arbeitsüberlastung für die Zukunft des Ordenslebens. In: *Geist und Leben* 72 (1999) 127-135.

¹⁸ Cf. Arnold, Simón Pedro. Refundación, formación y espiritualidad. In: *Boletín CLAR* 36/6 (1998) 29-38.